



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS
Curso de Graduação Farmácia-Bioquímica

ANA LUIZA MAMEDE LEITE

**Farmácia Viva e Educação Popular em Saúde: compartilhando
saberes das plantas medicinais no município de Araraquara**

Araraquara, SP

2023

ANA LUIZA MAMEDE LEITE

**Farmácia Viva e Educação Popular em Saúde: compartilhando
saberes das plantas medicinais no município de Araraquara**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Farmácia Bioquímica da Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Araraquara, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Farmacêutica Bioquímica.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Regina Duarte Moreira

Coorientador: Prof. Dr. José Ricardo Soares de Oliveira

Araraquara, SP

2023

L533f Leite, Ana Luiza Mamede.
Farmácia Viva e Educação Popular em Saúde : compartilhando saberes das plantas medicinais no município de Araraquara / Florine Gazoli Martins Cordeiro. – Araraquara, 2023.
59 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação – Farmácia Bioquímica) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Faculdade de Ciências Farmacêuticas.

Orientadora: Raquel Regina Duarte Moreira.
Coorientador: José Ricardo Soares de Oliveira.

1. Educação Popular. 2. Educação Popular em Saúde. 3. Farmácia Viva. 4. Fitoterapia. 5. Plantas medicinais. I. Moreira, Raquel Regina Duarte, orient. II. Oliveira, José Ricardo Soares de, coorient. III. Título.

DEDICATÓRIA

À minha avó, Dona Ana, de quem herdei o amor pelas plantas medicinais. Ao meu tio Rafael, benzedor. À minha bisavó Otília, parteira e benzedeira. Pelo conhecimento popular e tradicional de todos aqueles que me antecederam.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à minha mãe, Cláudia e ao meu pai, Roberto, pela criação repleta de amor e por todo o incentivo e oportunidades que me deram. Os grandes responsáveis por tornar tudo isso possível.

Ao meu namorado, Marcelo, pela paciência, suporte e companheirismo nessa trajetória até aqui.

À toda minha família, que mesmo distante, sempre vibraram com as minhas conquistas e me apoiaram quando mais precisei.

À minha prima/irmã, Carol, pela referência que sempre foi e pela inspiração para cursar Farmácia.

À Prof.a. Raquel, quem acolheu a minha vontade de realizar este TCC e me abriu tantas portas durante esta caminhada.

Ao Prof. José Ricardo, pelo suporte e participação nas atividades desenvolvidas neste trabalho.

Às amigas Malva, Mari, Atikins e Voa, minhas grandes companheiras em toda a graduação, pelos estudos, momentos de desesperos e comemorações.

À Luiza, Duda, Caio e Kathellen, parceiros queridos e essenciais para a realização das ações deste trabalho.

À turma 89 noturno, por compartilharem comigo uma das melhores fases da vida.

Ao PET Farmácia, por tantos aprendizados e pelas pessoas especiais que conheci durante a minha participação.

À Prof.a. Mara, uma amiga e uma grande inspiração profissional, pelos conselhos, conversas e incentivo sempre que precisei.

À Anaterria e Letícia, que fizeram da minha casa em Araraquara, um lar.

À equipe de saúde da USF "Dr. Antônio Carlos Pizzolitto", que sempre esteve aberta ao diálogo e às ações propostas.

Ao Poeta Elias, Vinicius Zurlo e às terapeutas comunitárias do CENPE, colaboradores essenciais para tornar este trabalho mais humanizado e acolhedor.

RESUMO

A Educação Popular (EP) trata-se de uma prática político-pedagógica orientada pela construção de uma sociedade mais justa, democrática e não excludente, que para isso, busca valorizar a autonomia dos indivíduos a partir de vivências que possibilitem com que estes compreendam o mundo com novas percepções, proporcionando a eles a decisão de trilharem seus próprios caminhos. No que se diz respeito ao campo da saúde, a Educação Popular em Saúde (EPS) traz como metodologia um trabalho social, de imersão na realidade das classes populares por meio da valorização do diálogo e dos saberes prévios dos educandos como um instrumento de reorientação da atenção à saúde, com base em uma perspectiva participativa, amorosa, criativa e emancipadora. Em práticas como a fitoterapia, a relação dialógica entre a população e as instituições de saúde é relevante para o desenvolvimento da autoestima e autonomia dos pacientes acerca das suas opções terapêuticas e orientações corretas em relação às suas escolhas. O Projeto Farmácias Vivas (FV), criado pelo Prof. Dr. Francisco José de Abreu Matos da Universidade do Ceará (UFC) foi o primeiro programa de assistência social farmacêutica baseado na segurança e na eficácia terapêutica das plantas medicinais e orientado em integrar o seu uso tradicional com o científico. Em 2019, inspirado nas FV e na Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) foi criado o projeto de extensão universitária "Implementação de um projeto piloto de Farmácia Viva em uma Unidade de Saúde em Araraquara-SP". Tal projeto procurou contribuir para o fortalecimento da fitoterapia no município, implementando uma horta medicinal e promovendo ações de educação em saúde relacionadas ao uso de plantas medicinais na Unidade de Saúde da Família (USF) Adalberto Roxo I e II "Dr. Antônio Carlos Pizzolitto". Nessa direção, o presente trabalho teve como objetivo utilizar a metodologia de Educação Popular em Saúde para desenvolver as ações de educação em saúde no Projeto Piloto de Farmácia Viva, através de rodas de conversas, oficinas, capacitações e produção de materiais didáticos, atuando com ênfase na valorização do compartilhamento de saberes, no acolhimento e com um olhar integral sobre os sujeitos. O trabalho desenvolvido a partir desta metodologia evidenciou resultados extremamente positivos no que se diz respeito ao engajamento da comunidade e da equipe de saúde sobre as temáticas

abordadas nas atividades, resgatando também a autonomia dos indivíduos para o uso das plantas medicinais como uma opção terapêutica acessível e segura.

Palavras-chave: Educação Popular; Educação Popular em Saúde; Farmácia Viva; fitoterapia; plantas medicinais.

ABSTRACT

Popular Education is a political-pedagogical practice guided by the construction of a more just, democratic and non-excluding society, which for this purpose seeks to value the autonomy of individuals based on experiences that enable them to understand the world with new perceptions, giving them the decision to follow their own path. With regard to the field of health, Popular Health Education uses social work as a methodology, immersion in the reality of the popular classes through valuing dialogue and prior knowledge of students as an instrument for reorienting the health care, based on a participatory, loving, creative, and emancipating perspective. In practices such as phytotherapy, the dialogical relationship between the population and health institutions is relevant for the development of self-esteem and autonomy of patients in relation to their therapeutic options and correct guidance regarding their choices. The Farmácias Vivas Project, created by Prof. Dr. Francisco José de Abreu Matos of the University of Ceará was the first pharmaceutical social assistance program, based on the safety and therapeutic efficacy of medicinal plants and guided by a methodology that integrates its traditional and scientific use. In 2019, inspired by the Farmácia Viva and the National Policy on Medicinal and Phytotherapeutic Plants, a university extension project was created "Implementation of a pilot project of Farmácia Viva in a Health Unit in Araraquara-SP". This project sought to contribute to the strengthening of phytotherapy in the municipality, implementing a medicinal garden and promoting health education actions related to the use of medicinal plants at the Family Health Unit Adalberto Roxo I and II "Dr. Antônio Carlos Pizzolitto". In this direction, the present work aimed to use the methodology of Popular Education in Health to develop the actions of the Pilot Project of Farmácia Viva, through conversation circles, workshops, training and production of didactic materials, acting with emphasis on the appreciation of sharing of knowledge, in welcoming and with a comprehensive look at the subjects. The work carried out based on this methodology showed extremely positive results with regard to the engagement of the community and the health team on the themes addressed in the activities, also rescuing the autonomy of individuals for the use of medicinal plants as an accessible and affordable therapeutic option.

Keywords: Popular Education; Popular Education in Health; *Farmácia Viva*; phytotherapy; medicinal plants.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cartilha didática.....	22
Figura 2 – Cartaz informativo sobre as plantas medicinais presentes na USF.....	24
Figura 3 – Powerpoint utilizado como material de apoio da oficina.....	25
Figura 4 – Arte de divulgação da oficina de chás.....	26
Figura 5 – Preparo do saquinho de mudas.....	28
Figura 6 – Saquinhos com terra prontos para a Oficina de Mudas.....	28
Figura 7 – Cartão informativo sobre as plantas medicinais.....	31
Figura 8 – Cartaz de divulgação do evento Roda de Terapia Comunitária.....	31
Figura 9 – Roda de conversa virtual sobre as plantas medicinais presentes na USF.....	32
Figura 10 – Cantinho do chá	33
Figura 11 – Cantinho do chá com distribuição das cartilhas.....	34
Figura 12 – Conversa com a equipe da USF sobre o resultado dos cartazes.....	35
Figura 13 – Entrega dos cartazes informativos à USF.....	35
Figura 14 – Participantes da oficina de chás com suas plantas medicinais.....	37
Figura 15 – Demonstração de preparo do chá ao vivo.....	39
Figura 16 – Momento de degustação do chá.....	40
Figura 17 – Acolhimento da Oficina de Mudas com música.....	43
Figura 18 – Conversa dos alunos do Projeto com os participantes da	

Oficina.....	44
Figura 19 – Capacitação de produção de mudas pela agrônoma Érica.....	45
Figura 20 – Distribuição de cartilhas didáticas das plantas medicinais da USF.....	45
Figura 21 – Agrônoma auxiliando os participantes na produção de mudas.....	47
Figura 22 – Participantes da oficina de chás com suas plantas medicinais.....	47
Figura 23 – Início da Oficina de Mudas.....	50
Figura 24 – Momentos finais da Oficina de Mudas.....	49
Figura 25 – Divulgação da Oficina de Mudas.....	50
Figura 26 – Mesa de café da manhã comunitário.....	50
Figura 27 – Participantes do evento sentados em roda.....	51
Figura 28 – Participantes compartilhando seus relatos.....	52
Figura 29 – Mudas das plantas medicinais da USF.....	53
Figura 30 – Celebração com equipe de saúde da USF.....	53
Figura 31 – Encerramento da Roda com os participantes.....	54

LISTA DE ABREVIATURAS

ACS - Agente Comunitário de Saúde

EP - Educação Popular

EPS - Educação Popular em Saúde

FV - Farmácia Viva

PICS - Práticas Integrativas e Complementares em Saúde

PNPMF - Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos

PROEX - Pró-reitoria de Extensão Universitária

SUS - Sistema Único de Saúde

UFC - Universidade Federal do Ceará

UNESP - Universidade Estadual Paulista

UNIARA - Universidade de Araraquara

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 Educação Popular	14
1.2 Educação Popular em Saúde	15
1.3 Projeto "Implementação de Um Projeto Piloto de Farmácia Viva em Uma Unidade de Saúde Araraquara-sp"	16
2. OBJETIVOS.....	19
2.1 Objetivo Geral.....	19
2.2 Objetivos Específicos	19
3. METODOLOGIA.....	19
3.1 Local de Realização do Projeto	19
3.2 Público Alvo	19
3.3 Ações de Educação Popular em Saúde	20
3.3.1 Rodas de Conversa Sobre Plantas Medicinais.....	20
3.3.2 Elaboração de Uma Cartilha Didática	21
3.3.3 Elaboração de Cartazes Informativos	22
3.3.4 Oficina de Chás Com Poesia.....	24
3.3.5 Oficina de Mudas Com Música.....	27
3.3.6 Roda de Terapia Comunitária Com Distribuição de Mudas	29
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
4.1 Rodas de Conversa Sobre Plantas Medicinais.....	32
4.2 Elaboração de Uma Cartilha Didática	32
4.3 Elaboração de Cartazes Informativos	34
4.4 Oficina de Chás Com Poesia.....	35
4.5 Oficina de Mudas Com Música.....	42
4.6 Roda de Terapia Comunitária Com Distribuição de Mudas	49
5. CONCLUSÃO	54
6. REFERÊNCIAS	56

1. INTRODUÇÃO

1.1 Educação Popular

Em meados de 1945, o Brasil viveu uma grande mudança relacionada ao seu modelo econômico. O país substituiu o modelo agrário-exportador para o urbano-industrial. Tal acontecimento impactou drasticamente as relações de classe, marcando profundas transformações na sociedade do capital. Este momento histórico demandou das grandes massas para trilhar novos rumos do Brasil, época na qual direitos trabalhistas foram conquistados e houve uma crescente necessidade educacional, visto o alto número de trabalhadores analfabetos e defasados escolares. Foi diante deste cenário que a Educação Popular (EP) se fortaleceu, com o intuito de prover um processo educativo como uma prática social de transformação da realidade social (MACIEL, 2011).

Sobre a concepção de Educação Popular, Cruz *et al* (2018), diz:

[...] Firmou-se em um período histórico no qual as análises teóricas evidenciavam a conexão entre a educação e o Estado, sob a ótica da reprodução das relações econômicas e socioculturais vigentes. Em virtude disso, pretendia-se constituir o processo educativo enquanto uma prática social direcionada para a transformação da realidade, em que a função da educação popular seria o de ação cultural articulada aos processos de luta e resistência dos grupos populares, estabelecendo-se como elo entre o concreto vivido e o projeto futuro de sociedade que se desejava edificar, tendo o povo como expressão política de si, por meio de sua própria auto-organização, aspirando a construção do poder popular (CRUZ *et al.*, 2018 *apud* PALUDO, 2015).

O maior marco desse movimento pedagógico-político-cultural é o projeto de alfabetização de jovens e adultos de Paulo Freire, realizado em Angicos - Rio Grande do Norte, em 1963. A referência dos trabalhos desenvolvidos por Freire neste período foi a grande inspiração do paradigma de educação popular, sendo a sua origem praticamente fundida com os movimentos sociais populares (STRECK, 2010; GADOTTI, 2000).

Segundo Brandão e Assunção (2009), a Educação Popular é entendida como uma prática político-pedagógica que se relaciona com a população ao possibilitar novas formas destes compreenderem e viverem o mundo e que, a partir

dessa experiência, possam com a sua cultura, fazer as suas próprias interpretações e compartilhá-las com outros sujeitos conscientes. Dito isso, entende-se como necessária a participação ativa dos sujeitos nesse processo, para trilharem suas próprias histórias e ainda serem responsáveis pelas decisões que estão relacionadas ao seu destino, estando também comprometidos com a construção de uma sociedade não excludente, que busca equidade, ser mais justa e democrática e que trabalha em favor da diminuição das desigualdades existentes.

1.2 Educação Popular em Saúde

A educação em saúde, no Brasil, deu seus primeiros passos no início do século XX. Suas ações eram, em maioria, de caráter autoritário, tecnicista e curativo, com um foco fortemente ligado à expansão de uma medicina preventiva, como o exemplo das campanhas sanitárias da década de 40 (VASCONCELOS, 2001).

Esse modelo abrangia, de forma muito restrita, às práticas preventivas e educativas em saúde, excluindo, por muitas vezes, as classes populares. Até a primeira metade da década de 70, a prática de atenção à saúde era oferecida apenas àqueles que podiam pagar pelo serviço e para trabalhadores com carteira assinada nos hospitais da previdência social. Diante dessa realidade, a insatisfação por parte das camadas populares levou a um quadro de instabilidade social, no qual, a partir desse cenário o Estado passou a atender a demanda de implementar uma medicina mais democrática (VASCONCELOS, 1997).

As reivindicações a favor de melhorias das condições de saúde foram lideradas por lutas populares, a partir da segunda metade da década de 70, na procura destas por novas formas de se organizar. A emergência de diversos atores nesta luta, como movimentos sociais, teólogos da libertação, profissionais da saúde, estudantes e professores, com ideais transformadores, resultou na ruptura das práticas hegemônicas de Educação em Saúde (STOTZ, 2007; VASCONCELOS, 2008).

No entanto, indignação e inconformação, por si só, não eram suficientes para confrontar o modelo de saúde dominante. Foi preciso combinar fatores transdisciplinares e multiculturais, inspirados em movimentos que se baseavam em uma menor verticalização da relação entre profissional e população. A partir desse direcionamento, uma nova área de produção de conhecimento começou a se

expandir, originada dos conceitos de Educação Popular de Paulo Freire e que foi então denominada Educação Popular em Saúde (EPS) (CRUZ e MELO., 2014; VASCONCELOS, 2008).

A Educação Popular em Saúde é caracterizada como um trabalho de cunho social, que valoriza e se orienta pelo diálogo e pelo compartilhamento dos saberes prévios dos educandos. Ela parte do pressuposto de que tais saberes, construídos pela trajetória de cada indivíduo, servem como um ponto de partida para a formação de novos conhecimentos. A problematização acerca das diferentes experiências e situações vivenciadas por cada sujeito, favorecem o processo de emancipação dos mesmo em relação a sua própria realidade (BORNSTEIN, 2007; CRUZ e MELO 2014).

É através da verdadeira imersão das classes populares que se constitui a metodologia de EPS, juntamente com princípios que valorizam a amorosidade nas relações humanas, a criatividade, o compartilhamento de saberes, o protagonismo individual e coletivo e a diversidade cultural. As práticas educacionais de saúde, orientadas pela EPS, são voltadas a um processo de emancipação dos sujeitos em direção a transformação de suas realidades (CRUZ *et al.*, 2020).

Para além de somar novos atores no campo da saúde, a EP é capaz de promover o fortalecimento da organização popular e permitir com que a equipe de saúde amplie suas práticas ao dialogar com a população. Desse modo, a união e troca entre o conhecimento popular e o científico têm muito a agregar em ambos os lados, ainda mais em um contexto favorecido, ao longo dos anos, pelo distanciamento das instituições de saúde com a população (ALBUQUERQUE; STOTZ, 2004; VASCONCELOS, 1997).

Diante disso, as práticas de EPS estão sendo consideradas, cada vez mais, como necessárias para ter-se um melhor entendimento de como cada lado opera. É com essa perspectiva que as ações conduzidas pela Educação Popular são trilhadas, a fim de atender interesses cada vez mais heterogêneos e fazer das políticas públicas em saúde, ainda mais democráticas (GOMES *et al*, 2011).

1.3 Projeto "Implementação de Um Projeto Piloto de Farmácia Viva em Uma Unidade de Saúde Araraquara-sp"

Por muitas vezes, projetos relacionados à Fitoterapia surgem a partir da necessidade de uma certa comunidade em conseguir acesso aos cuidados mais básicos de saúde e, em um aspecto social mais abrangente, pela carência de educação em saúde, no que se trata do emprego correto das plantas medicinais. (COSENDEY *et al.*, 2000; MATOS, 1998). Desde 2006 foi aprovada no Brasil a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), e que, desde então, permite com que os municípios brasileiros implementem os Programas de Fitoterapia na Atenção Primária à Saúde. O estabelecimento dessa medida nos municípios teve como objetivo atender as carências medicamentosas da sua população, apresentando uma nova opção terapêutica no Sistema Único de Saúde (SUS), que fosse compatível com os níveis de complexidade das diferentes doenças e as diferentes necessidades de cada paciente. (BRASIL, 2006, 2009; MICHILES, 2004; OGAVA *et al.*, 2003).

No Brasil, o acesso ao serviço de fitoterapia está inserido na atenção básica do SUS. Apesar de recente, é uma prática já regulamentada e implementada no Programa Saúde da Família, que acoberta grande parte da atenção primária no país. O processo de ampliação da Estratégia Saúde da Família acaba refletindo na expansão dos serviços de fitoterapia, incluindo equipes interdisciplinares e valorizando os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) como atores importantes para se estabelecer um vínculo com a comunidade devido a algumas atividades que exercem, atuando, por exemplo, em visitas domiciliares e atividades de educação em saúde. (BRASIL, 2012).

O Projeto Farmácias Vivas, criado pelo Prof. Dr. Francisco José de Abreu Matos da Universidade do Ceará (UFC) em 1983, foi um grande marco para o fitoterapia no Brasil, influenciando na criação de Programas de Fitoterapia em todo o país. O Projeto nasceu como resultado de uma procura por uma metodologia que integrasse o uso da medicina tradicional com o uso científico das plantas medicinais, podendo ser considerado como o primeiro Programa de Assistência Social Farmacêutica, baseado na segurança e eficácia terapêutica das plantas medicinais (MATOS, 1998; MATOS 2006; MALTA *et.* , 1999)

As Farmácias Vivas (FV) foram instituídas pelo Ministério da Saúde, segundo a Portaria MS/GM no 886/2010. De acordo com a portaria em questão, as FV são definidas como locais, no âmbito do SUS, que podem ser geridos pelas esferas federais, estaduais ou municipais, onde a distribuição das plantas medicinais e dos

fitoterápicos produzidos é realizada de forma gratuita, sendo vedada a comercialização dos mesmos. A Farmácia Viva ainda deve ser responsável por todas as etapas das preparações magistrais, como o cultivo, a coleta, o processamento, o armazenamento, a manutenção e a distribuição das plantas medicinais ou das preparações fitoterápicas. (BRASIL, 2010)

O projeto de extensão universitária "Implementação de um Projeto Piloto de Farmácia Viva em uma Unidade de Saúde em Araraquara-SP" foi criado em 2019 por iniciativa dos professores de farmacognosia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e da Universidade de Araraquara (UNIARA), envolvendo a Secretaria de Saúde do Município de Araraquara, Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, diversos profissionais de saúde, agentes comunitários, alunos bolsistas, colaboradores do curso de graduação de Farmácia da UNESP e outras parcerias. O projeto em questão foi apoiado com bolsas de extensão da Pró-reitoria de Extensão Universitária (PROEX) e teve como objetivo implementar um Projeto Piloto de Farmácia Viva e promover ações de educação em saúde sobre plantas medicinais na Unidade de Saúde da Família (USF) Adalberto Roxo I e II "Dr. Antônio Carlos Pizzolitto", no Jardim Adalberto Roxo em Araraquara. Entre as ações delineadas para o projeto, pode-se citar: a construção de uma horta medicinal na terreno da USF; a realização de ações de educação popular em saúde com a equipe técnica e a comunidade local; cursos de capacitação e divulgação técnico-científico sobre o uso racional de plantas medicinais para a equipe técnica de saúde; qualificação e capacitação técnica dos profissionais de saúde e demais envolvidos na produção de plantas medicinais do município; construção de um memento farmacêutico local de fitoterapia, a elaboração uma cartilha educativa para a orientação dos usuários da USF e a distribuição de mudas medicinais da horta da Unidade.

O projeto em questão buscou nortear suas ações utilizando a metodologia de Educação Popular em Saúde, com o foco de resgatar os diversos conhecimentos da população em relação ao uso das plantas medicinais e, através das trocas de saberes, contribuir para o fortalecimento e implementação da Fitoterapia no município. As ações do projeto foram baseadas na PNPMF, procurando assim, capacitar a equipe técnica de saúde e os pacientes em relação ao uso seguro e racional de plantas medicinais na USF "Dr. Antônio Carlos Pizzolitto".

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Realizar ações de Educação Popular em Saúde no Projeto Piloto de Farmácia Viva na USF Adalberto Roxo I e II "Dr. Antônio Carlos Pizzolitto" no Jardim Adalberto Roxo em Araraquara.

2.2 Objetivos Específicos

- Correlacionar às práticas populares com científicas sobre o uso de plantas medicinais validadas cientificamente;
- Capacitar e divulgar conhecimento técnico-científico, sobre uso racional de plantas medicinais, para a equipe técnica de saúde da USF;
- Elaborar materiais didáticos para orientação dos usuários da USF;
- Realizar rodas de conversas e oficinas com a comunidade sobre as plantas medicinais presentes na horta da USF;
- Estabelecer diálogos e criar vínculos com os pacientes e equipe técnica de saúde da USF.

3. METODOLOGIA

3.1 Local de Realização do Projeto

As ações desenvolvidas pelo projeto ocorreram na USF Adalberto Roxo I e II "Dr. Antônio Carlos Pizzolitto", localizada no Jardim Adalberto Roxo, bairro periférico do município de Araraquara.

3.2 Público Alvo

O projeto em questão delineou como público alvo das atividades realizadas, a equipe de saúde da USF Adalberto Roxo I e II "Dr. Antonio Carlos Pizzolitto", seus pacientes e a comunidade do bairro Jardim Adalberto Roxo em Araraquara.

3.3 Ações de Educação Popular em Saúde

Ações de Educação Popular em Saúde são importantes para promover a conscientização e a prevenção de doenças em comunidades. Tais ações podem ser realizadas em diferentes contextos, como escolas, postos de saúde, associações comunitárias e eventos públicos.

O presente trabalho fundamentou-se nas bases da Educação Popular em Saúde para delinear ações envolvendo o Projeto Piloto de Farmácia Viva. Foi realizada, para isso, uma preparação prévia dos estudantes sobre os conceitos de Educação Popular de Saúde, através de leituras, participação em rodas de conversa e palestras sobre o tema. Em relação às plantas medicinais e ao Programa Farmácia Viva, o grupo participou de capacitações internas com a Prof.a. Dr.a. Raquel Regina Duarte Moreira e outros profissionais colaboradores, além da participação em congressos, palestras e leituras de referência como o Formulário de Fitoterápicos da Farmacopéia Brasileira.

Nessa perspectiva, foram desenvolvidas as seguintes atividades: rodas de conversas sobre plantas medicinais; elaboração de cartilhas didáticas; elaboração de cartazes informativos; oficina de chás com poesia; oficina de mudas com música e roda de terapia comunitária com distribuição de mudas.

3.3.1 Rodas de Conversa Sobre Plantas Medicinais

Com a implementação da horta medicinal no terreno da USF, a equipe técnica de saúde precisou ser capacitada para atender os pacientes e a comunidade com as informações científicas corretas sobre o uso das plantas medicinais, já que a execução do projeto passou a ser uma nova demanda para estes profissionais. Deste modo, foram realizadas capacitações por meio de rodas de conversa entre o grupo acadêmico e a equipe de saúde, com duração de cerca de 30 minutos. A princípio, tal atividade ocorreria de forma presencial na Unidade, mas por conta da pandemia, precisou ser adaptada para o modelo virtual.

As apresentações possuíam um cronograma a ser seguido onde, em cada encontro, abordou-se sobre uma das plantas medicinais presentes na horta da USF, sendo elas: *Curcuma longa* L.; *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf; *Lippia alba* (Mill.)

N.E. Br. Britton & P. Wilson; *Maytenus ilicifolia* (Schrad.) Planch.; *Mikania glomerata* Sprengel e *Plectrantus barbatus* Andrews. Foram convidados para as rodas de conversa, especialistas em plantas medicinais para compartilhar seus conhecimentos e sanar dúvidas dos participantes. As capacitações ocorreram durante as reuniões internas da equipe de saúde, que ocorriam uma vez por semana, momento no qual a Unidade estava fechada para o atendimento dos pacientes. Os encontros eram feitos através da plataforma Google Meet e os profissionais projetavam a tela da reunião em uma televisão da Unidade, também conectando pelos seus respectivos celulares para poderem interagir. Nesses encontros falou-se sobre o nome científico e popular das plantas medicinais, a parte da planta utilizada, o modo de preparo, a posologia, os efeitos adversos e suas contra indicações.

3.3.2 Elaboração de Uma Cartilha Didática

A produção de materiais educativos teve o objetivo de auxiliar, como forma de consulta e suporte, à equipe de saúde e aos próprios pacientes, sendo uma iniciativa voltada à disseminação de informações sobre o uso adequado das plantas medicinais e seus benefícios para a saúde. Tal material foi elaborado em conjunto com os profissionais da USF, onde no qual puderam dar sugestões sobre a abordagem e a linguagem da cartilha. Apesar da construção em conjunto, o aluno responsável pela criação do material foi o Matheus do Nascimento Baldo, ex-bolsista do projeto de extensão.

O desenvolvimento da cartilha foi delineado a partir de um passo a passo pré estabelecido: definição do público-alvo; escolha dos temas; seleção das informações; organização do conteúdo; inclusão de ilustrações; revisão do conteúdo; impressão e distribuição.

Primeiramente, definiu-se um público alvo - os pacientes da USF, a fim de adequar o conteúdo à linguagem e ao nível de conhecimento dos leitores. Em relação aos temas abordados na cartilha, foram escolhidos os seguintes: "O que são plantas medicinais", "Como cultivar plantas medicinais", "Como preparar chás e infusões", "Medidas de referência", "Nome científico das plantas medicinais da horta da USF", "Como reconhecer a planta no canteiro" (Figura 1), "Indicação de uso", "Como preparar o chá" e "Contra indicações". A seleção das informações incluídas no

material foi feita com uma linguagem precisa e objetiva, para facilitar a compreensão dos leitores. Sobre a organização dos conteúdos, os mesmos foram dispostos em tópicos e capítulos, de forma com que se apresentassem de maneira lógica e didática. A inclusão de ilustrações foi uma etapa realizada com o intuito de auxiliar na compreensão das informações apresentadas e, por fim, revisou-se o conteúdo da cartilha para garantir que não houvessem erros de ortografia, gramática ou informações equivocadas antes da impressão e distribuição dos materiais.

Figura 1: Cartilha didática



Fonte: Matheus do Nascimento Baldo

3.3.3 Elaboração de Cartazes Informativos

Um outro formato de material didático produzido foram cartazes contendo informações sobre cada planta medicinal presente na horta da USF. Com esse objetivo, os alunos do projeto se reuniram com a equipe de saúde para dialogar e delinear as etapas para a produção do cartaz. Para a organização do mesmo, seguiu-se com a escolha das plantas medicinais; a definição do conteúdo; a organização do layout; a revisão das informações adicionadas e a divulgação do material.

As plantas medicinais escolhidas para serem utilizadas no cartaz envolveram aquelas cultivadas na USF: *Curcuma longa* L.; *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf; *Lippia alba* (Mill.) N.E. Br. Britton & P. Wilson; *Maytenus ilicifolia* (Schrad.) Planch.; *Mikania glomerata* Sprengel e *Plectranthus barbatus* Andrews. Sobre cada uma delas, o conteúdo abordado englobou o nome popular, nome científico, origem e suas características organolépticas. Para o layout do material, utilizou-se um modelo atrativo e acessível com imagens das plantas, fontes de letra legível e distribuição espaçada e organizada do texto para facilitar a leitura. Antes da impressão e divulgação do cartaz, todo o seu conteúdo foi revisado a fim de evitar com que informações equivocadas pudessem prejudicar a saúde dos usuários. Após confeccionados, a ideia seria que os cartazes fossem pendurados na sala de espera da Unidade. Apesar da atividade ter sido acompanhada por todos os alunos envolvidos no projeto de extensão, quem ficou responsável por elaborar o cartaz foi o aluno bolsista do projeto, Caio Geanfrancesco.

Figura 2. Cartaz informativo sobre as plantas medicinais presentes na USF



Fonte: Caio Geanfrancesco

3.3.4 Oficina de Chás Com Poesia

Com o intuito de correlacionar às práticas populares com as científicas no que se diz respeito ao uso de plantas medicinais, foi organizada uma atividade onde selecionou-se o modelo de oficina como metodologia empregada. Uma oficina de chás com poesia pode ser uma atividade interessante e criativa para explorar o universo das plantas medicinais e seus benefícios para a saúde, combinando com a arte da poesia.

A oficina, que primeiramente ocorreria de forma presencial, foi adaptada ao modelo remoto devido ao distanciamento social decorrente da pandemia. Nela, almejava-se dialogar com os participantes sobre algumas informações relacionadas ao uso de plantas medicinais e as diferentes formas de se preparar um chá, além de proporcionar um momento de acolhimento aos participantes através do diálogo, da troca de saberes e da poesia.

A organização da oficina tomou diferentes direcionamentos de acordo com cada abordagem planejada - divulgação científica, troca de saberes e acolhimento dos

participantes. Em relação à divulgação científica das plantas medicinais e das diferentes formas de se preparar um chá, foi utilizado como referência o Formulário de Fitoterápicos da Farmacopéia Brasileira. A escolha da planta abordada na oficina foi pautada em ser uma das plantas medicinais presentes na horta da USF. Como o cenário daquele momento era atípico em razão das condições de isolamento social ocasionadas pela pandemia, optou-se por escolher a planta medicinal *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf., a qual possui propriedades ansiolíticas, visto que segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a prevalência global de ansiedade e depressão aumentou cerca de 25 % no primeiro ano de pandemia.

Para a discussão da parte científica, elaborou-se um PowerPoint como material de apoio (Figura 3). Tal material continha algumas informações como as diferentes formas de preparar um chá (infusão e decocção) de acordo com a parte da planta utilizada, sobre aspectos botânicos, indicação terapêutica, pesos e medidas, modo de preparo, posologia e advertências em relação à planta *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf.

Figura 3. Powerpoint utilizado como material de apoio da oficina



Hoje venho apresentar!
Uma planta popular!
Cuja folha eu vou usar.
Capim-limão que tem muita indicação!
É calmante para tensão, mas também pra digestão!

Cymbopogon citratus (DC.) Stapf
NOME POPULAR:
 Capim-santo,
 capim-limão,
 capim-cidró
 capim-cidreira.
INDICAÇÕES:
 Auxilia no alívio da ansiedade e insônia leves
 Antiespasmódico (problemas digestórios,
 estômago e fígado)
 Auxiliar no alívio de sintomas decorrentes da
 dismenorreia leve (cólica menstrual leve)
 Cólicas intestinais leves
Parte usada:
 Folhas

Fonte: Próprio autor

Com a intenção de executar uma atividade mais dinâmica em relação ao conteúdo que seria abordado, foi preparado um chá ao vivo no evento, durante a explicação de quais eram as formas de se fazer um chá. Para isso, foi orientado previamente na divulgação que cada participante escolhesse uma planta para poder preparar seu chá simultaneamente ao que estava sendo feito na oficina, em suas respectivas casas.

Como a oficina tinha o objetivo de incentivar a troca de saberes e gerar um acolhimento dos participantes, foi convidado como colaborador o Elias José da Silva (Poeta Elias), educador popular, militante do SUS, poeta e compositor do estado do Ceará.

Para atingir o público alvo, a atividade foi divulgada em um grupo de WhatsApp do projeto de extensão destinado à divulgação de ações e ao diálogo com a equipe de saúde da USF. Por ter se tratado de um evento online, a atividade não foi restrita à equipe de saúde da Unidade e aos seus pacientes, portanto a divulgação se expandiu para todos aqueles que desejaram participar. Foi criada uma arte (Figura 4) acompanhada de um texto contendo o link da reunião, permitindo com que todos que tivessem interesse em divulgar e participar, os pudessem fazer.

Figura 4. Arte de divulgação da oficina de chás



Fonte: Próprio autor

Em relação a duração do evento, foi estabelecido 1 hora para que todas as abordagens fossem contempladas e ao mesmo tempo para que não se tornasse cansativo, visto que no período de pandemia tinha-se uma grande demanda de eventos virtuais. A plataforma utilizada para a oficina foi o Google Meet e, para aqueles que não puderam comparecer, a reunião foi gravada e disponibilizada no mesmo grupo de WhatsApp onde foi feita a divulgação.

3.3.5 Oficina de Mudanças Com Música

Uma das atividades previstas em projetos de Farmácia Viva é a realização da propagação das plantas medicinais presentes nos hortos associados. O projeto de extensão da UNESP procurou aplicar essa mesma prática no Projeto Piloto de Farmácia Viva. Para isso, utilizou-se o modelo de oficina na organização da atividade. O intuito da mesma foi: demonstrar através da prática como é feita a propagação de diferentes plantas medicinais; dialogar com a comunidade que frequenta a USF sobre a existência da horta e das plantas lá presentes e proporcionar um fortalecimento de vínculo entre pacientes, USF e os alunos da UNESP através de um ambiente acolhedor e humanizado.

Por se tratar de uma ação que envolvia um conhecimento técnico sobre o manejo de mudas, foi convidada a participar da oficina a Érica Tomé da Silva, agrônoma e colaboradora do projeto. A ideia inicial foi de levar a comunidade até a horta medicinal da USF a fim de realizarem o manejo das mudas para levarem para suas casas. Como dado que as mudas seriam alocadas em saquinho com terra, tais recipientes foram preparados previamente no Horto de Plantas Medicinais e Tóxicas “Prof. Dra. Célia Cebrian Araújo Reis” da Faculdade de Ciências Farmacêuticas, a fim de viabilizar a dinâmica da oficina no dia previsto.

Figura 5. Preparo do saquinho de mudas



Fonte: Próprio autor

Figura 6. Saquinhos com terra prontos para a Oficina de Mudas



Fonte: Próprio autor

A decisão sobre a data e horário da atividade foi estabelecida através das sugestões feitas pela equipe de saúde da Unidade. Escolheu-se um dia da semana no qual a movimentação no local não era tão grande, com o intuito de aumentar a adesão da equipe de saúde, e no período da manhã por ser mais fresco para realizar o manejo de mudas. Foi acordado com a USF que eles seriam os únicos responsáveis por divulgar o evento para os pacientes e para comunidade ao redor. Todos os alinhamentos em relação às decisões tomadas sobre a atividade foram discutidos com a equipe de saúde em idas quinzenais dos alunos da UNESP na Unidade, a fim de atender melhor suas necessidades.

Outra demanda também proposta pela oficina que precisava ser delineada, foi a de estabelecer um momento de acolhimento da comunidade. Para isso fez-se como escolha a utilização da música como um instrumento de aproximação e acolhimento àqueles que estariam participando da atividade. Desse modo, foi convidado um músico do município de Araraquara, Vinícius Zurlo, para colaborar com o evento. Além da música, os alunos envolvidos no projeto e os professores colaboradores também foram atores importantes para o acolhimento e diálogos propostos.

3.3.6 Roda de Terapia Comunitária Com Distribuição de Mudas

Em uma das visitas dos alunos do projeto à USF, a equipe de saúde compartilhou uma demanda: os pacientes que frequentavam a Unidade eram em sua maioria idosos, que por muitas vezes viviam sozinhos, tinham pouco contato com seus familiares e apresentavam quadros de ansiedade e depressão. A ideia inicial foi a de construir uma ação que acolhesse o público da USF, principalmente os mais idosos, com o intuito de aumentar o vínculo entre pacientes e equipe de saúde e até entre os próprios membros da comunidade ao redor.

Após entender a demanda da Unidade, os alunos do projeto sugeriram a realização de uma Roda de Terapia Comunitária. Esta última trata-se de uma Prática Integrativa e Complementar em Saúde (PICS) de cuidado em grupo, que é capaz de proporcionar um momento de escuta, partilha de problemas e acolhimento, sendo mediados por profissionais especializados na área.

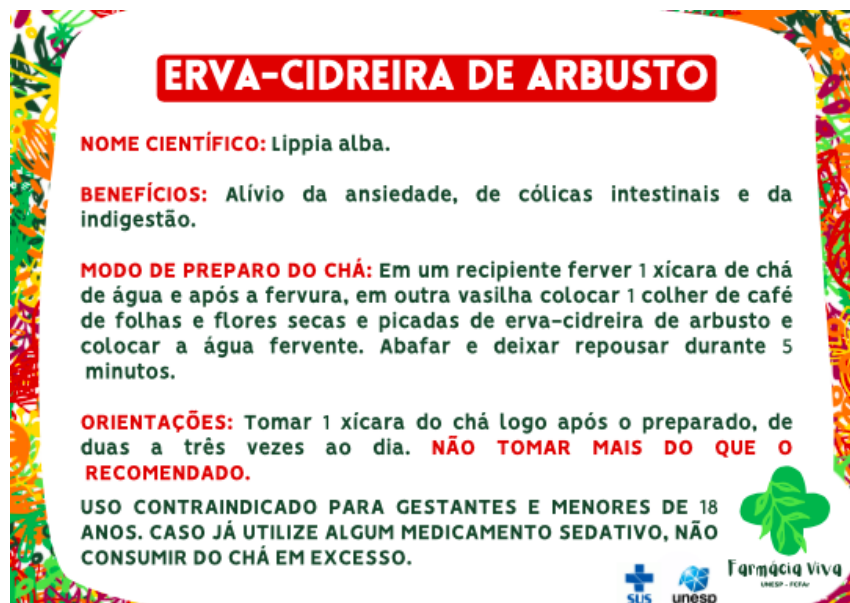
Como o projeto de extensão está relacionado ao uso das plantas medicinais, também decidiu-se incorporar na atividade uma conversa com os participantes sobre a existência do Projeto Piloto de Farmácia Viva na USF, sobre as plantas medicinais

lá presentes que poderiam auxiliar em quadros de ansiedade, distribuindo ao final do evento, mudas das plantas com propriedades ansiolíticas (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. e *Lippia alba* (Mill.) N.E. Br. Britton & P. Wilson).

A oficina foi planejada para ser executada no mês de junho e, devido a isso, a equipe de saúde da unidade sugeriu que o evento pudesse ser temático de festa junina para aumentar o interesse e adesão de participantes e também ser uma forma de confraternização da USF. O local onde o evento ocorreu foi em uma estrutura pertencente a Unidade, com o formato de um quiosque, destinado à realização de eventos. O espaço foi decorado com a temática de festa junina e contou com um café da manhã comunitário.

Para a roda, convidou-se previamente a equipe do Programa de Qualidade de Vida do CENPE - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, que contava com terapeutas comunitárias capacitadas para oferecer a vivência de Terapia Comunitária. Em relação às mudas das plantas medicinais com propriedades ansiolíticas que foram distribuídas no final do evento, os alunos da UNESP prepararam os saquinhos com terra dias antes no horto medicinal da Faculdade de Ciências Farmacêuticas, sendo que as mudas foram produzidas apenas horas antes do evento iniciar. Juntamente com as mudas, foi elaborado um cartão informativo sobre cada planta, contendo seu nome popular, científico, benefícios, modo de preparo do chá, orientações e contra indicações.

Figura 7. Cartão informativo sobre as plantas medicinais



Fonte: Projeto Piloto de Farmácia Viva

A divulgação do evento foi, majoritariamente, feita pela equipe de saúde da USF, contando também com a colaboração dos alunos do projeto, que para auxiliar na divulgação, confeccionaram cartazes que foram impressos e colados em frente a Unidade e nos pequenos comércios ao redor do estabelecimento de saúde.

Figura 8. Cartaz de divulgação do evento Roda de Terapia Comunitária



Fonte: Projeto Piloto de Farmácia Viva

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Rodas de Conversa Sobre Plantas Medicinais

A adaptação das rodas de conversa para o modelo virtual foi bem sucedida. Durante a atividade, os profissionais da Unidade puderam tirar dúvidas e trocar experiências com os facilitadores sobre o uso das plantas medicinais. O tempo de duração das rodas se adequaram ao que foi proposto inicialmente, cerca de 30 minutos a 40 minutos, onde os temas programados para serem abordados foram totalmente contemplados, contando com um tempo suficiente para momentos de trocas entre a equipe de saúde e o grupo acadêmico. Um dos tópicos reforçado nos encontros foi sobre os cuidados e precauções relacionados ao uso de plantas medicinais, que devem ser orientados por profissionais de saúde capacitados, visto que algumas plantas podem causar efeitos adversos e interações medicamentosas. A atividade recebeu um retorno positivo da Unidade em relação a capacitação dos profissionais para atender o interesse dos usuários no uso das plantas medicinais ali presentes.

Figura 9. Roda de conversa virtual sobre as plantas medicinais presentes na USF



Fonte: Prof.a Dr.a Raquel Regina Duarte Moreira

4.2 Elaboração de Uma Cartilha Didática

Após a produção do material didático no formato de cartilha, o mesmo foi entregue à USF. Como sugestão da equipe, para despertar o interesse dos pacientes

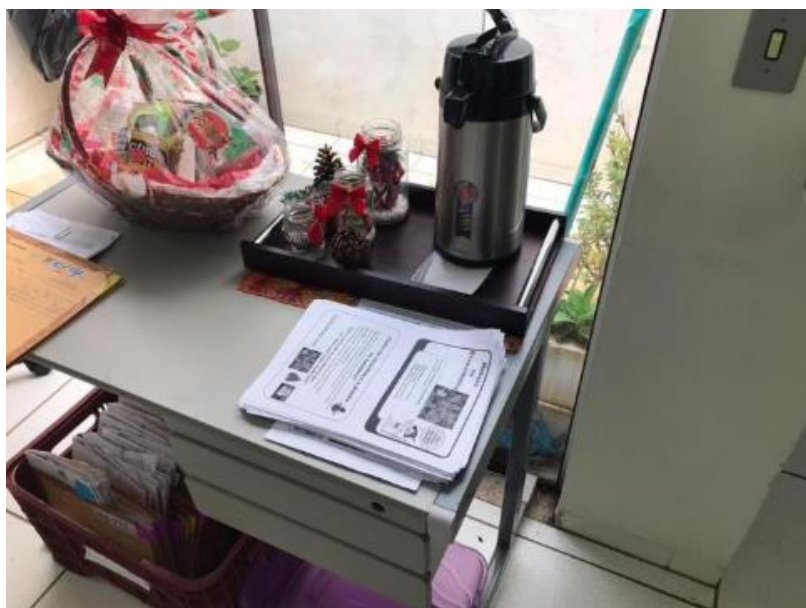
pelo uso das plantas medicinais relacionadas ao projeto, foi criado pelos ACS um "cantinho do chá" (Figuras 10 e 11). Este último contava com uma mesa na sala de espera de atendimento, na qual era disposta uma garrafa de chá de uma das plantas medicinais presentes da horta da Unidade, acompanhada de uma cartilha com os dados da respectiva planta. Deste modo, os usuários que aguardavam pelo atendimento puderam entrar em contato com o projeto presente na Unidade através das informações presentes na cartilha, além de degustar o chá feito com uma das plantas da horta medicinal. Por meio dessa atividade, segundo os relatos dos ACS, muitos dos pacientes estabeleceram um primeiro diálogo com o projeto e voltaram para a USF com o interesse em receber mais informações e levar mudas das plantas da horta para suas casas ou para seus vizinhos.

Figura 10. Cantinho do chá



Fonte: Matheus Baldo do Nascimento

Figura 11. Cantinho do chá com distribuição das cartilhas



Fonte: Matheus Baldo do Nascimento

4.3 Elaboração de Cartazes Informativos

A entrega dos cartazes para a USF foi realizada em uma das reuniões internas semanais da equipe de saúde. Nesse encontro os alunos do projeto apresentaram o resultado final do material produzido e os profissionais da Unidade fizeram algumas colocações. Uma das sugestões foi a de adicionar a indicação terapêutica de cada planta, pois o conteúdo abordou apenas o nome popular, nome científico, origem e as características organolépticas das plantas. Segundo a equipe, a presença das informações sugeridas não incentivaria a automedicação das plantas medicinais, um dos receios do grupo acadêmico, e que seria, na realidade, uma forma de divulgação do uso correto de tais plantas para os pacientes, visto que muitos já praticavam a automedicação. O feedback da equipe foi acolhido pelo grupo acadêmico e levado em consideração para o preparo das atividades posteriores.

Figura 12. Conversa com a equipe da USF sobre o resultado dos cartazes



Fonte: Equipe de Saúde da USF

Figura 13. Entrega dos cartazes informativos à USF.



Fonte: Equipe de Saúde da USF

4.4 Oficina de Chás Com Poesia

A oficina de chás ocorreu em um dia frio e chuvoso durante a pandemia. O clima foi um fator não previsível, mas que se tornou favorável para a temática do evento. Os participantes, que abrangiam profissionais da saúde, pacientes da USF, graduandos, profissionais das PICS, docentes e representantes do conselho

municipal de saúde foram inicialmente acolhidos pelo Poeta Elias com música e poesia. A primeira intervenção se deu com a seguinte canção:

Para começar o nosso encontro
 Queira se apresentar
 Eu vou fazer a pergunta
 E a resposta você dá:

Quem é você?
 Quem é você?
 De onde veio e o que veio fazer?

Quem é você?
 Quem é você?
 De onde veio e o que veio fazer?

Este primeiro momento de interação foi rompendo aos poucos a timidez e o distanciamento daqueles que, em suas respectivas casas, se mostravam receosos de abrir suas câmeras e microfones. Aos poucos a frieza da interação pelas telas de computador foram dando espaço para sorrisos e interações. Os participantes se apresentaram e puderam contar como estavam se sentindo e quais eram as expectativas para o evento.

Após o momento inicial de trocas e acolhimento, a oficina se voltou para uma conversa sobre plantas medicinais e preparo de chás. Como solicitado previamente na divulgação do evento, cada participante separou uma planta medicinal de sua preferência para a preparação de um chá feito no decorrer da oficina. O Poeta Elias pediu para que cada um apresentasse a planta que havia escolhido (Figura 14). Algumas delas foram boldo, malvarisco, manjerição, arnica, hortelã e capim-limão. A conversa seguiu com com uma reflexão do Elias sobre plantas medicinais:

As folhas, bio diversamente diferentes, completam a natureza densa. As pessoas e as folhas, necessitam dos elementos da natureza. As folhas não necessitam tanto de nós. Nós até as sufocamos no nosso furô possessivo e material. Nossa busca por saúde e vida saudável das folhas depende. As folhas são princípios

ativos vitais. Uma folha, um olhar, um saber, uma planta, uma rima, um remédio, uma receita popular, um estudo, uma pesquisa. Laboratório vivo de fazer uma outra ciência, em troca de experiências. Uma folha é síntese do universo. Quanto conhecimento cabe em uma folha? Reflitamos sobre isso (informação verbal)

Figura 14. Participantes da oficina de chás com suas plantas medicinais



Fonte: Poeta Elias

Para complementar tal reflexão, Elias seguiu com uma música de autoria própria "Sementes que cantam", composta para agregar em seu trabalho como Educador Popular nos projetos de Farmácias Vivas no Ceará nos quais ele foi colaborador:

Mudas, sementes,
 Vamos plantar
 Que vão crescer
 Vão florear
 E muitos frutos brotarão
 Frutos de amores
 Fruto feito pão
 E muitos frutos brotarão
 Frutos de amores

Fruto feito pão
Saberes diversos
Diversos sabores
Na festa da colheita
Cantares e cantores
Cantares e cantores
Cantares e cantores
Os princípios e valores
Cultura viva, amores
Os princípios e valores
Culturas vivas, amores
No cultivo da vida
Os trabalhadores
Os trabalhadores
O canteiro é o território
Vamos plantar
É tempo de colher
Os frutos partilhar
Semestres foram lançadas
Sementes foram lançadas
Quem vai cuidar?
De cuidado é essa planta
Flores lindas em vivência
De cuidado a gente canta
As belezas e potência
Das plantas medicinais
O canteiro é o território
E o saber é milenar
O canteiro é o território
Isso é cultura popular
O canteiro é o território
Isso é cultura popular

Passado o momento de introdução e reflexões sobre as plantas medicinais, a oficina seguiu com uma conversa sobre as diferentes formas de preparar um chá, sobre aspectos botânicos da planta *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf, indicação terapêutica, pesos e medidas, modo de preparo, posologia e advertências. Durante a explicação sobre as diferentes formas do preparo do chá, foi feita uma demonstração ao vivo (Figura 15) para que todos compartilhassem a mesma vivência, proporcionando uma degustação descontraída em conjunto.

Figura 15. Demonstração de preparo do chá ao vivo



Fonte: Próprio autor

Figura 16. Momento de degustação do chá



Fonte: Próprio autor

Na experiência de degustação, os envolvidos foram incentivados a falar sobre suas relações e vivência com os chás. Muitos relacionaram o uso com memórias afetivas, preparos que eram feitos por avós, tias e mães. Foi ainda um momento para discutir as dúvidas, como o tempo de armazenamento e validade, a possibilidade de adição de açúcar ou não e a diferença entre a planta seca e *in natura* no preparo dos chás.

A oficina foi encaminhada para o encerramento com um pedido para que os participantes falassem uma palavra que representasse o encontro ocorrido. Algumas das palavras foram: gratidão, acolhimento, boas energias, conhecimento, troca, construção, aconchego, cura e possibilidades.

As trocas e reflexões sobre as plantas medicinais proporcionadas ao decorrer do evento, inspiraram o Poeta Elias a criar um poema chamado "Oficina de chás das emoções" sintetizando o que foi a vivência da Oficina de Chás com Poesia. O poema foi publicado nas redes sociais do Poeta Elias após o evento e encontra-se presente no site da rede Humanizasus (SILVA, 2023).

Nesta tarde neste encontro
Houveram grandes conexões
Cheiros e sabores concretos

Vivências e sensações

Saberes compartilhados

Farmácia Viva das emoções

As plantas como legado

Das culturas e tradições

Folha frutos e aromas

Formas e princípios ativos

Diversidade e bioma

De um saber integrativo

As plantas medicinais

A gente olhar e ver

Pra saber se é eficaz

É preciso conhecer

Vem dos nossos ancestrais

Este saber acumulado

Que hoje está nos anais

Da banca e do doutorado

A farmácia e o farmacêutico

Tem muito para aprender

E até rever os conceitos

Pra saúde do bem viver

É tanta droga no mercado

No oficial e no paralelo

Cabe agora perguntar

Qual "saúde" que eu quero?

Mais saúde e não doença

Faz parte da nossa missão
Ética do cuidado é consciência
Melhor remédio é a promoção

A promoção da saúde
Passando de mão em mão
Menos droga e mais atitude
De cuidado e atenção

Amorizar é o verbo
Que cura as enfermidades
Ecologia dos saberes
De uma nova humanidade.
(SILVA, 2021)

4.5 Oficina de Mudanças Com Música

Planejado para ser executado ao ar livre, o evento foi contemplado com um dia fresco e ensolarado. O local de realização da atividade, que antes seria na horta da USF precisou ser adaptado. A mudança do local se deu por conta da pequena quantidade de pessoas presentes para participarem da oficina, revelando que a divulgação da mesma não foi tão efetiva quanto o esperado. Por este motivo, foi decidido realizar o evento no espaço à frente da entrada principal da Unidade, um local ao ar livre onde os pacientes aguardavam sentados para serem atendidos e de grande movimentação de pessoas.

Para acolher a comunidade presente, o evento contou com a participação do músico Vinícius Zurlo que iniciou o evento tocando, em voz e violão, músicas populares brasileiras (Figura 17). Neste momento, os pacientes da USF, que se mostravam desanimados e enfermos à espera do atendimento, despertaram interesse para a atividade que estava se iniciando. A presença de música é um acontecimento não recorrente na rotina da Unidade e, em vista disso, acabou chamando a atenção dos pacientes e daqueles que estavam passando em frente ao local.

Figura 17. Acolhimento da Oficina de Mudas com música



Fonte: Luiza Paiva (aluna colaboradora do projeto)

Após algumas músicas tocadas, os alunos apresentaram-se para a comunidade em uma conversa sobre o projeto no qual faziam parte e sobre a oficina de mudas que ocorreria naquele momento (Figura 18). O professor doutor de farmacognosia da Universidade de Araraquara, José Ricardo Soares de Oliveira, auxiliou os alunos na condução do diálogo com os participantes, perguntando se já conheciam a horta e as plantas medicinais presentes na USF, se possuíam o hábito de utilizar as plantas medicinais e, em casos afirmativos, como as utilizavam.

Figura 18. Conversa dos alunos do Projeto com os participantes da Oficina



Fonte: Luiza Paiva

A conversa sobre as plantas medicinais despertou um grande interesse dos pacientes, que compartilharam suas experiências e saberes populares sobre o uso das plantas. Para aproveitar o entusiasmo da comunidade em relação à atividade, o evento foi direcionado para a execução da capacitação sobre a produção de mudas das plantas medicinais. Durante este momento, a agrônoma Érica conversou com os participantes sobre cada planta que estava manejando, indicando qual era a forma ideal de preparar a muda e todos os cuidados envolvidos com a sua manutenção (Figura 19). Junto à explicação da agrônoma, o professor de José Ricardo também fez algumas contribuições sobre as plantas que estavam sendo manuseadas, em relação a sua indicação, posologia e efeitos adversos (Figura 22). Para que os participantes pudessem melhor acompanhar a conversa e consultar posteriormente as informações da oficina, foram distribuídas as cartilhas didáticas das plantas medicinais da USF elaboradas pelos alunos do projeto (Figura 20).

Figura 19. Capacitação de produção de mudas pela agrônoma Érica



Fonte: Luiza Paiva

Figura 20. Distribuição de cartilhas didáticas das plantas medicinais da USF



Fonte: Luiza Paiva

Em sequência da explicação sobre o preparo de mudas, a agrônoma incentivou a comunidade a colocar em prática as informações que haviam recebido. Desse modo, os participantes puderam preparar suas próprias mudas das plantas medicinais e tirar suas dúvidas sobre o manejo e manutenção das mesmas (Figura 21). Neste momento,

o músico Vinícius voltou a tocar e a presença da música contribuiu para uma maior interação e descontração dos envolvidos na atividade. Ao final do evento foi entregue como uma lembrancinha a todos que participaram da oficina um trecho de uma Literatura de Cordel "O poder das plantas na cura das doenças" de autoria de Manuel Monteiro:

Desde os tempos medievos
Nossos sábios ancestrais
Quando surgia um problema
De doenças corporais
Seu médico e sua farmácia
Estavam na eficácia
Das plantas medicinais.

(...)

A casca de certas árvores,
A folhagem, as sementes
Trituradas, feito chá
Ou compondo emplastros quentes,
Quando uma doença aperta
Sendo na medida certa
Tem salvo muitos doentes.

(...)

Pra misturar uma planta
Com outra planta, depende
Da pessoa conhecer
Donde uma e outra descende,
Isso aí requer cultura
Porque senão a mistura
Em vez de curar ofende.

(...)

“Todos” os medicamentos
Que o homem fabrica agora
Com nomes complicadíssimos
Bela embalagem por fora
E preços proibitivos
Têm seus princípios ativos
Nos atributos da flora.
(MONTEIRO, 2004)

Figura 21. Agrônoma auxiliando os participantes na produção de mudas



Fonte: Luiza Paiva

Figura 22. Conversa sobre plantas medicinais com o prof. José Ricardo



Fonte: Próprio autor

A oficina despertou o interesse dos participantes em distribuir as mudas produzidas para vizinhos e familiares, cumprindo com o objetivo de propagar as plantas da horta medicinal. Ainda sobre a repercussão do evento, segundo o relato de uma enfermeira da USF, foi notável o impacto do mesmo para os pacientes que estavam lá presentes. Após a participação do evento, os pacientes antes desanimados, enfermos e à espera de atendimento, tiveram uma melhora significativa em seus quadros e estavam visivelmente mais exultantes (Figura 24).

Figura 23. Início da Oficina de Mudas



Fonte: Luiza Paiva

Figura 24. Momentos finais da Oficina de Mudas



Fonte: Próprio autor

4.6 Roda de Terapia Comunitária Com Distribuição de Mudas

A atividade aconteceu na temática de festa junina, por ter ocorrido no mês de junho, o que atraiu a atenção dos pacientes e da comunidade ao redor na USF. O local foi decorado com bandeiras de festa junina e foi preparada uma mesa de café da manhã comunitário (Figura 26). Antes do horário previsto para o início do evento, já haviam alguns participantes à espera da atividade e que, conforme chegavam ao local, eram orientados a sentarem em cadeiras dispostas no formato de roda. Houve uma maior adesão de pessoas em relação ao evento da oficina de mudas, evidenciando que o auxílio dos alunos na divulgação, ao colar cartazes ao redor da Unidade (Figura 25), resultou em um impacto positivo.

Figura 25. Divulgação da Oficina de Mudanças



Fonte: Luiza Paiva

Figura 26. Mesa de café da manhã comunitário



Fonte: Próprio autor

O evento teve início com a apresentação dos alunos do Projeto Piloto de Farmácia Viva à comunidade que, em seguida, discorreram sobre a relação dos mesmos com a USF. Após a fala dos alunos, as terapeutas comunitárias, que atuaram como mediadoras do evento, também se apresentaram e compartilharam com os participantes os conceitos de uma roda de terapia comunitária para entenderem como seguiria a dinâmica da atividade.

Figura 27. Participantes do evento sentados em roda



Fonte: Luiza Paiva

A mediação da roda seguiu com um pedido para que todos os participantes se apresentassem, falassem o seu nome e onde moravam. As terapeutas os acolheram com uma conversa sobre sentimentos e a importância de externalizá-los. Nesse diálogo alguns participantes começaram relatando sobre suas angústias, como solidão, ansiedade e tristeza (Figura 28). Estes últimos foram os sentimentos escolhidos por todos que estavam no evento para serem melhor trabalhados no decorrer da roda de terapia comunitária.

Para cada sentimento, os participantes que se sentiram confortáveis a falar, compartilharam suas experiências e expuseram como lidavam com ele. No início, muitos ainda estavam tímidos, no entanto, a mediação acolhedora e atenciosa das

terapeutas proporcionou um ambiente favorável a fala e a escuta. O compartilhamento dos sentimentos resultou em momentos de emoções intensas, acompanhadas de choro, risadas e criação de vínculos entre a comunidade presente.

Figura 28. Participantes compartilhando seus relatos



Fonte: Luiza Paiva

A roda de terapia comunitária se encaminhou para o fim com uma celebração mediada pelas terapeutas (Figura 30), onde exaltaram a importância do acolhimento e vivências humanizadas entre a comunidade presente e os profissionais de saúde da Unidade. Após o encerramento da roda, os alunos do projeto de extensão conversaram mais uma vez com os participantes, reforçando a existência da horta de plantas medicinais presentes na USF. Foram distribuídas como lembrancinhas do evento, mudas das plantas *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. e *Lippia alba* (Mill.) N.E. Br. Britton & P. Wilson, ambas com propriedades ansiolíticas e, junto às mudas, cartões informativos sobre cada planta, contendo seu nome popular, científico, benefícios, modo de preparo do chá, orientações e contra indicações.

Figura 29. Mudas das plantas medicinais da USF



Fonte: Próprio autor

Figura 30. Celebração com equipe de saúde da USF



Fonte: Luiza Paiva

Por fim, o evento foi encerrado com um café da manhã comunitário, acompanhado de músicas típicas de festa junina. Neste momento de descontração, a comunidade e a equipe de saúde relataram a importância do evento para o estabelecimento de vínculo entre pacientes e a instituição de saúde e parabenizaram a iniciativa da atividade. O evento proporcionou momentos de muitas emoções e o sentimento de gratidão e pertencimento pela comunidade.

Figura 31. Encerramento da Roda com os participantes



Fonte: Próprio autor

5. CONCLUSÃO

A criação de vínculos e trocas de saberes proporcionados pela abordagem das plantas medicinais em um contexto de diálogo e acolhimento, mostrou que a utilização da metodologia de Educação Popular em Saúde no Projeto Piloto de Farmácia Viva se deu de forma extremamente positiva, visto o engajamento da comunidade e equipe de saúde sobre as temáticas abordadas nas atividades.

Em um projeto envolvendo a fitoterapia é necessário a presença de profissionais que orientem corretamente os seus pacientes em relação ao uso de plantas medicinais e, deste modo, as atividades de capacitação desenvolvidas para a

equipe de saúde da USF foram essenciais para uma divulgação responsável de informações confiáveis e comprovadas cientificamente.

Pode-se ressaltar que a concretização das ações propostas só foi possível através do comprometimento de muitos envolvidos, colaboradores do Projeto e, principalmente da comunidade local, que se mostrou aberta e interessada em participar das atividades e compartilhar seus conhecimentos.

Os diálogos horizontais estabelecidos entre a equipe de saúde da USF e os alunos do projeto foram relevantes para que o processo de delineamento das ações propostas incluísse as demandas da Unidade de acordo com sua realidade. Tal vivência proporcionada pelo projeto de extensão universitária, foi um ganho enorme para os alunos da graduação, que puderam compreender na prática o funcionamento de uma USF e a importância de um trabalho humanizado construído coletivamente.

No que diz respeito aos conhecimentos acadêmicos dos alunos para o desenvolvimento das atividades propostas, foi possível constatar que os conteúdos adquiridos nas aulas de graduação acerca das plantas medicinais foram suficientes para suprir as demandas desta temática, no entanto, ao se utilizar a metodologia de EPS como prática pedagógica nas ações de extensão universitária, os alunos precisaram buscar por capacitações externas, mostrando uma lacuna na grade curricular da Faculdade de Ciências Farmacêuticas em ofertar aos futuros profissionais da saúde, uma formação mais robusta voltada às práticas de educação em saúde.

Por fim, as reflexões abordadas nas atividades em quanto à união entre o saber popular e científico das plantas medicinais, motivou e resgatou não somente a autoestima e autonomia da comunidade em relação aos seus conhecimentos prévios, mas também a questão do contato com a terra e a relação entre saúde humana e meio ambiente, além do fortalecimento da fitoterapia como uma opção terapêutica segura e acessível no município de Araraquara.

6. REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, P. C.; STOTZ, E. N. A educação popular na atenção básica à saúde no município: em busca da integralidade. *Interface Comun. Saúde Educ.* 2004; 8:259-74.
- ARAÚJO, R. S.; CRUZ, P. J. S. C. Organizadores. **Educação popular e práticas sociais: ação, processo formativo e construção do conhecimento**. 1. ed. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018. 298 p.
- BORNSTEIN, V. J. **O agente comunitário de saúde na mediação de saberes**. 2007. Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2007.
- BRANDÃO, C. R.; ASSUMPÇÃO, R. **Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006. (Série B. Textos Básicos de Saúde).
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2009. (Série C. Projetos, Programas e Relatórios).
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria n. 886, de 20 de abril de 2010**. Institui a Farmácia Viva no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na atenção básica**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. (Série A. Normas e Manuais Técnicos; Cadernos de Atenção Básica, n. 31).
- COSENDEY, M. A. E.; BERMUDEZ, J. A.; REIS, A. L. A.; SILVA, H. F.; OLIVEIRA, M. A.; LUIZA, V. L. **Assistência farmacêutica na atenção básica de saúde: a experiência de três estados brasileiros**. *Cad. Saúde Pública*, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 171–182, 2000.
- CRUZ, P. J. S. C.; Melo Neto, J. F. **Educação popular e nutrição social: considerações teóricas sobre um diálogo possível**. *Interface (Botucatu)*, v. 18, supl. 2, p. 1365-1376, 2014.
- CRUZ, P. J. S. C.; SILVA, M. R. F.; PULGA, V. L.; MACHADO, A. M. B.; BRUTSCHER, V. J. **Educação Popular em Saúde: concepção para o agir crítico ante os desafios da década de 2020**. *Revista de Educação Popular*, Uberlândia, MG, p. 6–28, 2020.
- GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo em perspectiva. v. 14, n. 2, p. 3-11, 2000.
- GOMES, L. B; MERHY, E. E. **Compreendendo a Educação Popular em Saúde: um estudo na literatura brasileira**. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 7-18, 2011.

MACIEL, K. F. **O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. Educação em Perspectiva, Viçosa**, v. 2, n. 2, p. 326-344, 2011.

MALTA JUNIOR, A.; DINIZ, M. F. F. M.; OLIVEIRA R. A. G. **Das plantas medicinais aos fitoterápicos Abordagem multidisciplinar**, João Pessoa: PET-FARMÁCIA/CAPES/UFPB, 1999.

MATOS, F. J. A. **Farmácias vivas**. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 1998.

MATOS, F. J. A. **O projeto Farmácias-Vivas e a fitoterapia no nordeste do Brasil**. Revista de Ciências Agroveterinárias, v. 5, n. 01, p. 24-32, 2006.

MICHILES, E. **Diagnóstico situacional dos serviços de fitoterapia no Estado do Rio de Janeiro**. Revista Brasileira de Farmacognosia, [S. l.], 2004.

MONTEIRO, M. **O Poder Das Plantas Na Cura das Doenças: Literatura de Cordel**. 1. ed. Campina Grande, Paraíba: [s. n.], 2004.

PALUDO, C. **Educação popular como resistência e emancipação humana**. Cad. Cedes, Campinas, v. 35, n. 96, p. 219-238, 2015.

SILVA, E. J. **Oficina do chá das emoções**. 2023. Disponível em: <https://redehumanizaus.net/oficina-do-cha-das-emocoes/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

STOTZ, E. N. **Enfoques sobre educação popular e saúde**. In: Ministério da Saúde. Caderno de educação popular e saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2007. p. 46-57.

STRECK, D. R. **Entre emancipação e regulação:(des) encontros entre educação popular e movimentos sociais**. Revista Brasileira de Educação, v. 15, p. 300-310, 2010.

VASCONCELOS, E. M. **Educação popular e a atenção à saúde da família**. 4a Ed. São Paulo: Editora Hucitec; 2008.

VASCONCELOS, E. M. **Educação popular nos serviços de saúde**. 3a Ed. São Paulo: Editora Hucitec; 1997.

VASCONCELOS, E. M. **Participação popular e educação nos primórdios da saúde pública brasileira**. In: Vasconcelos E. M., organizador. A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da Rede de Educação Popular nos Serviços de Saúde. São Paulo: Editora Hucitec; 2001. p. 73-100.

OGAVA, S. E. N. et al. **Implantação do programa de fitoterapia “Verde Vida” na secretaria de saúde de Maringá (2000-2003)**. Revista Brasileira de Farmacognosia, [s. l.], v. 13, p. 58–62, 2003.